

DALCÍDIO JURANDIR: INTERFACE ENTRE O REPÓRTER E O ROMANCISTA

DALCÍDIO JURANDIR: THE INTERFACE BETWEEN REPORTER AND NOVELIST

Marli Tereza Furtado¹
Ivone dos Santos Veloso²
Gissandra Diovana Dias Teixeira³

RESUMO

Em nossa história literária, desde a liberação da imprensa, percebemos a ligação de nossos escritores com as atividades jornalísticas, o que se estendeu ao século XX, em cuja primeira metade o jornalismo e a literatura estabeleceram forte relação de proximidade, possibilitando uma intensa e extensa contribuição dos escritores com os jornais da época. Os escritores amazônidas não se isentaram dessa participação, tanto em seus estados de origem, quanto na imprensa nacional. É o caso do escritor marajoara Dalcídio Jurandir (1909-1979), que contribuiu com a imprensa paraense e com uma leva de periódicos sobretudo do Rio de Janeiro. Por essa razão, o foco deste trabalho é averiguar a contribuição jornalística e literária desse autor, por meio da análise da reportagem *A Amazônia e a safra dos mortos* (1942), publicada no periódico *Diretrizes*, e de um olhar para a construção ficcional do romance *Três casas e um rio* (1958), também de sua autoria. À medida em que as duas trajetórias empreendidas por Jurandir se aproximam, busca-se estabelecer uma relação de interface entre a escrita do repórter e do romancista.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; Repórter; Romancista; *Três casas e um rio*.

ABSTRACT

In our literary history, since the release of the press, we have noticed the connection between our writers and journalistic activities, which extended into the 20th century, in the first half of which journalism and literature established a strong relationship of proximity, enabling an intense and extensive contribution of writers to the newspapers

¹ Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2002), Atualmente é professor Titular da Universidade Federal do Pará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7597-7834> Email: marlitf@ufpa.br

² Doutora em Letras (UFPA), Professora Adjunto II da Universidade Federal do Pará, atua no ensino de Graduação e de Pós-graduação, sendo professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da UFPA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7288-2845> Email: ivonevel@gmail.com

³ Mestranda em Estudos Literários (PPGL/UFPA), bolsista CAPES, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6182-6602> Email: gissandrateixeira@gmail.com

of the time. Amazonian writers were not exempt from this participation, both in their states of origin and in the national press. This is the case of the Marajoara writer Dalcídio Jurandir (1909-1979), who contributed to the Pará press and to a series of periodicals mainly from Rio de Janeiro. For this reason, the focus of this work is to investigate the journalistic and literary contribution of this author, through the analysis of the report *A Amazônia e a safra dos mortos* (1942), published in the periodical *Diretrizes*, and a look at the fictional construction of the novel *Três casas e um rio* (1958), also by him. As the two trajectories undertaken by Jurandir come closer, we seek to establish an interface relationship between the writing of the reporter and the novelist.

Keywords: Dalcídio Jurandir; Reporter; Novelist; *Três casas e um rio*.

Introdução

A relação entre jornalismo e literatura constitui um campo com vastas possibilidades, uma vez que estabelecer essas reflexões contribui para a construção de novos conhecimentos entre esses dois universos aparentemente distintos, mas que se interligam em muitas dimensões, e em ambos os casos contribuem para um discurso crítico sobre o mundo.

No Brasil, jornalismo e literatura estiveram interligados por um longo período, de modo que “nas primeiras décadas de nossa imprensa, o jornal foi de fato o meio privilegiado para a expressão literária. O jornalista e o escritor eram uma só figura social” (Souza, 1988, p. 50) e, especialmente durante a primeira metade do século XX, jornalismo e literatura se confundiam. A liberdade de escrita, marca registrada de muitos jornais da época, conferia aos jornalistas a oportunidade de divulgar seus escritos. Os textos eram publicados nas diferentes seções dos periódicos ou em folhetins, divulgados periodicamente nos jornais. Além disso, os escritores que contribuía com o periodismo jornalístico tornavam-se conhecidos do público leitor, no período.

Fundamentados nesse pressuposto dos vários momentos em que jornalismo e literatura caminharam lado a lado, este artigo buscará estabelecer uma relação de interface entre a escrita jornalística e literária desenvolvidas pelo escritor Dalcídio Jurandir. Para tanto, examinaremos como a reportagem *A Amazônia e a safra dos mortos*, publicada em 06 de agosto de 1942, nas páginas do periódico *Diretrizes*, aproxima-se da construção ficcional do romance *Três casas e um rio* (1958), terceiro

romance que compõe o ciclo romanesco dalcidiano *Extremo norte*.

É de interesse, portanto, observar os elementos que constituem as facetas de repórter e literato do escritor, comparando em que medida as temáticas, posicionamentos e questões estéticas de sua escrita se aproximam, uma vez que, seguindo a linha da intertextualidade, todo texto estabelece diálogo com outros, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”, conforme Kristeva (1974, p. 64).

Além disso, de acordo com Souza e Miranda (1997), os apontamentos de Bakhtin e Kristeva mostram que a intertextualidade “desempenha [...] papel fundamental, ao desvincular o discurso literário de um caráter fechado e autossuficiente, abandonando-se os critérios restritivos da literariedade (Souza; Miranda, 1997, p. 41). Com isso, embora as facetas de repórter e romancista de Dalcídio Jurandir se diferenciem, é possível considerar aspectos que interligam o texto literário à reportagem jornalística, o que se pretende examinar neste estudo.

Jornalismo e literatura na primeira metade do século XX

Os primeiros indícios de atuação da imprensa no Brasil manifestaram-se com a elaboração e circulação dos primeiros jornais, após a marcante data de 1808, com a chegada da família real ao Brasil que demarcou a modernização da imprensa e o surgimento dos primeiros periódicos, como *O correio Braziliense*, jornal editado e produzido na Europa, mas que também circulava no Brasil. Posteriormente, surgiu o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, periódico com enfoque em pautas internacionais.

Assim, o final do século XIX é reconhecido como um período de grandes mudanças na história da imprensa, resultante de uma série de avanços tecnológicos implantados naquele quartel. As inovações que marcaram o fim do século XIX não se restringiram apenas à forma de produção dos jornais, mas influenciaram significativamente seu conteúdo, pois as publicações de caráter puramente político, que antes sustentavam a imprensa brasileira, cederam espaço para a ascensão de novas temáticas, como as manifestações literárias, que passaram a ocupar as primeiras páginas dos periódicos.

Em meio às transformações na estrutura e estilo dos jornais, iniciou-se o século XX, que, dentre muitos aspectos, se caracterizou pela forte relação entre jornalismo e

literatura. De acordo com Ribeiro, as técnicas de escrita adotadas nesse início de século contribuíram para essa aproximação:

Os periódicos brasileiros seguiam então o modelo francês de jornalismo, cuja técnica de escrita era bastante próxima da literária. Os gêneros mais valorizados eram aqueles mais livres e opinativos, como a crônica, o artigo polêmico e o de fundo. Os jornais, além disso, funcionavam como uma instância fundamental de divulgação da obra literária e de construção de conhecimentos sociais dos escritores. Era sobretudo através dos folhetins que os leitores tomavam contato com os autores e seus trabalhos. (Ribeiro, 2003, p. 148).

Para Ribeiro, a forte relação entre jornalismo e literatura era resultado do modelo de jornalismo utilizado no Brasil, seguindo especificamente o modelo francês. A utilização de tal paradigma possibilitou que textos jornalísticos apresentassem características similares ao texto literário, sobrelevando a subjetividade, o uso do texto opinativo e o debate sobre temas polêmicos.

Ademais, a atuação de escritores no meio jornalístico, desde a primeira metade do século XIX, revelou-se uma maneira eficaz de cultivar a escrita literária. Vejamos a opinião de Costa:

Os folhetins evidenciam a simbiose entre jornalismo e literatura ao longo do século XIX. Eles ajudariam a consolidar um público cativo para os romances e alavancariam as vendas dos jornais diários. A imprensa constituiu-se como plataforma para a divulgação do trabalho literário do escritor e era de onde ele tirava seu sustento. O jornal tornou-se um caminho quase natural para os aspirantes. (Costa, 2015, p. 40).

Tendo em vista o restrito mercado editorial da época, trabalhar em jornais foi uma escolha feita por escritores para continuar escrevendo, ao mesmo tempo em que garantiam a subsistência. Muitos da classe escritora dependiam dos folhetins publicados nos jornais para alcançar possíveis leitores “os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade em primeiro lugar; um pouco de dinheiro se possível” (Sodré, 1999 p. 292).

De forma similar, a relação entre texto jornalístico e texto literário, até a primeira metade do século XX, auxiliou no desenvolvimento de ideias e estilos pessoais. Os jornais da época constantemente incluíam críticas sociais e questões políticas em seus conteúdos diários. Assim, escrever uma reportagem ou publicar uma notícia não era simplesmente expor um fato. Como bem menciona Pompeu de Souza,

editor-chefe do jornal *Carioca*:

Ninguém publicava em jornal nenhuma notícia de como o garoto foi atropelado aqui em frente sem antes fazer considerações filosóficas e especulações metafísicas sobre o automóvel, as autoridades do trânsito, a fragilidade humana, os erros da humanidade, o urbanismo do Rio. Fazia-se primeiro um artigo para depois, no fim, noticiar que o garoto tinha sido atropelado defronte a um hotel. Isso era uma remanescência das origens do jornalismo, pois o jornal inicial foi um panfleto em torno de dois ou três acontecimentos que havia a comentar, mas não noticiar, porque já havia informação de boca, ao vivo, a informação direta (Souza, 1988, p 24).

Segundo Souza, o jornalismo da primeira metade do século XX apresentava uma escrita subjetiva, que se utilizava tanto de opiniões pessoais dos jornalistas quanto de questões filosóficas e termos literários com o intuito de noticiar os acontecimentos vigentes. Essa forma de escrita jornalística se diferenciava do jornalismo atual, caracterizado pela aparente imparcialidade acerca do que é publicado.

Nesse período, escrever uma notícia era uma oportunidade para que colaboradores dos jornais mostrassem seu estilo de escrita, já que, mais do que informar, os escritores tinham liberdade para comentar e expor opiniões pessoais. Com isso, muitas vezes, uma matéria jornalística apresentava um enredo próximo ao ficcional.

Foi somente a partir da década de 1950 que as relações entre jornalismo e literatura começaram a enfraquecer, devido à adoção de outro modelo de jornalismo e da modernização da imprensa:

As reformas dos anos 50, de qualquer maneira, representam um marco na história da imprensa brasileira, que assinala a passagem do jornalismo político-literário para o jornalismo informativo. A imprensa abandonou definitivamente a tradição opinativa, que desde 1821 a havia tão profundamente marcado. Esse modelo foi gradualmente substituído por um jornalismo que privilegiava a informação “objetiva”, separada editorial e graficamente do comentário pessoal (Ribeiro, 2000, p. 29, 30).

Como destacado, na década de 1950 o jornalismo informativo se tornou vigente. A substituição do modelo de jornalismo europeu pelo modelo norte-americano motivou essas mudanças, marcando o início das transformações que se consolidariam nas décadas seguintes. Entre os avanços, constavam a valorização da objetividade e imparcialidade, muito diferente do jornalismo político-literário que prezava pela

liberdade de escrita. José Santos concorda que: “A implantação de padrões modernos de redação nos jornais implicou uma luta empreendida, principalmente a partir da década de 1950, contra a sobrevivência de formas literárias consideradas arcaicas no jornalismo informativo” (Santos, 2016, p.39).

No entanto, antes que esse novo padrão se consolidasse, o jornalismo ainda era fortemente influenciado pelas tensões políticas e sociais de seu tempo. É nesse contexto que se insere a atuação de Dalcídio Jurandir como jornalista, especialmente durante a Era Vargas, momento em que o campo da imprensa estava imerso em disputas ideológicas e pressões autoritárias, como destacaremos a seguir.

Imprensa e controle na Era Vargas

Como frisado anteriormente, embora a política não ocupasse mais as principais páginas dos jornais, ainda assim os acontecimentos de maior importância na história da imprensa estiveram por muito tempo ligados a fatos políticos. Um desses acontecimentos relativos às disputas políticas daquele século foi o Movimento de 30, que marcou a chegada de Getúlio Vargas ao poder e o fim da República Velha (1889-1930).

No ano seguinte à sua posse, em 1931, Vargas, não satisfeito com as críticas de muitos jornais ao seu modo de governar, criou um órgão chamado DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que tinha como função principal controlar e punir qualquer postura da imprensa que fosse contrária ao governo. A criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) assinalou o início de um período obscuro na história da imprensa.

A partir do exposto, é válido ressaltar que, ao longo dos anos, este departamento mudou de nome algumas vezes, mas o objetivo permaneceu o mesmo, censurar o que era publicado nos jornais, como se observa no comentário de um dos encarregados da época:

O trabalho era limpo e eficiente. As sanções que aplicávamos eram muito mais eficazes do que às ameaças da polícia, porque eram de natureza econômica. Os jornais dependiam do governo para a importação de papel linha d'água. As taxas aduaneiras eram elevadas e deveriam ser pagas em 24 horas. Só se isentava de pagamento os jornais que colaboravam com o governo. Eu ou o Lourival Fontes ligávamos para a alfândega autorizando a retirada do papel. (Boletim

da ABI, p.6, 1974 apud De Luca, 2008, p. 20).

O depoimento acima evidencia as formas de censura aplicadas por meio do DIP, como tentativa de tentar controlar a imprensa. Como consequência, muitos jornais que não aceitaram colaborar com o governo foram duramente punidos, chegando a fechar por algum tempo; assim, “o relacionamento amistoso entre a grande imprensa e o governo provisório não durou muito” (De Luca, 2008, p. 16). Por intermédio de unidades como o DIP o então presidente Getúlio Vargas buscou disseminar uma falsa ideia de estabilidade política que na verdade camuflava um governo ditatorial que não respeitava a liberdade de imprensa no Brasil.

Assim, a história da imprensa no Brasil foi atravessada por inúmeros acontecimentos políticos e históricos, noticiados em cada novo número publicado nos jornais. A liberdade de imprensa durante o governo Vargas enfrentou diversos desafios. Contudo, a escrita jornalística desta primeira metade do século XX encontrou formas de coexistir em meio à censura e à opressão. Nesse contexto de tensões políticas, a imprensa tornou-se veículo de comunicação de diversos grupos ideológicos, entre eles, os comunistas, para quem os jornais funcionavam como uma poderosa máquina de mobilização e disseminação de ideias.

Não se pode ser ingênuo em pensar nos meios de comunicação em geral, sobretudo nos jornais impressos, apenas como meras máquinas de informações, eles são, além disso, máquinas de formação ideológica. Dessa forma, os comunistas também perceberam na *media* uma importante ferramenta para levar à grande massa a ideologia do partido. (Furtado; Barbosa, 2010, p. 55).

Essas publicações buscavam romper o autoritarismo do Estado por meio da educação política para o povo e da organização dos trabalhadores em busca da liberdade de expressão. Dalcídio Jurandir assinou textos para muitos periódicos que alinhavam uma perspectiva crítica às estruturas de poder controladoras. Sob esse aspecto, é interessante notar que a produção de Dalcídio Jurandir para os jornais reverbera em sua ficção, uma vez que nela se manifesta seu posicionamento pessoal diante do contexto político da época “a consciência político partidária refere-se ao posicionamento do romancista diante da relação entre obra de arte e política. Comunista assumido, seus interesses partidários não deixaram de influenciar em sua obra (Furtado, Barbosa, 2010, p. 59).

Além disso, a obra de Dalcídio Jurandir reflete de forma contundente o contexto social, político e econômico da Amazônia na década de 40, contrapondo-se às ideias promovidas pelo Estado Novo que buscavam construir uma imagem de interação e progresso regional. Desse modo, em seus romances e reportagens, o autor contesta os censos e propagandas governamentais que sugeriam uma região pujante e produtiva ao dar visibilidade aos sujeitos esquecidos que permaneceram na Amazônia durante e após o primeiro ciclo da borracha.

Ao explorar os aspectos que aproximam a escrita jornalística e a escrita literária, busca-se compreender como a escrita de Dalcídio recebeu influência das práticas e estilos desenvolvidos no século XX. Para isso torna-se necessário conhecer a trajetória jornalística e literária do autor, que atuou como “repórter”, praticamente desde os vinte anos.

Dalcídio Jurandir: o repórter de *Diretrizes*, e o romancista de *Três casas e um rio* (1958)

O repórter e romancista Dalcídio Jurandir nasceu em Ponta de Pedras na Ilha de Marajó, no dia 10 de janeiro de 1909. Filho de Alfredo Nascimento Pereira e Margarida Ramos, Dalcídio Jurandir teve seu primeiro contato com a escrita jornalística aos 16 anos, quando ao lado do irmão, Flaviano Ramos Pereira, atuou como diretor da revista mensal *Nova Aurora*. Em seu artigo *Dalcídio Jurandir e a crítica literária para o estado do Pará*, Marli Furtado (2011), afirma que:

Aparentemente, em sua biografia, o jornalista antecede o literato, uma vez que aparece como diretor, aos 16 anos ao lado do irmão, Flaviano Ramos Pereira, redator, e de Edgar Alves Ribeiro, ilustrador de uma revista artesanalmente produzida, a mensal *Nova Aurora*. A presença do irmão, Flaviano, nessa aventura dalcidiana ao mundo jornalístico demonstra bem a ligação da família ao universo das letras, uma vez que o pai deles, Alfredo Nascimento Pereira, além de outras funções era tipógrafo e responsável pelo jornal *A Gazetinha*, em Cachoeira, onde se criara o autor, no Marajó. (Furtado, 2011, p.81).

É notório que, ter iniciado, ainda na adolescência o ofício de jornalista, antes mesmo de tornar-se romancista, indica que para Dalcídio Jurandir, o jornalismo também era uma paixão. Além disso, realizar atividades jornalísticas junto de sua família, proporcionou ao escritor paraense experiência e habilidades necessárias para a intensa

carreira de jornalista que desenvolveria posteriormente.

Sabe-se que em 1922, Dalcídio Jurandir mudou-se para Belém do Pará com o intuito de continuar os estudos, residindo na capital paraense até 1928. Em 1931, após uma tentativa mal-sucedida de estabelecer-se na capital carioca, retornou a Belém, onde voltou-se novamente para o ofício de jornalista e colaborou com a imprensa paraense, escrevendo para jornais e revistas, entre os quais, *O Estado do Pará*, e as revistas: *Escola*, *Novidade*, *Terra Imatura* e *A Semana*. Assim, constata-se que “o exercício do jornalismo foi uma constante na vida do escritor Dalcídio Jurandir” (Nunes; Pereira; Pereira, 2006). Desse modo, ao retornar para Belém, o escritor fez mais do atuar como jornalista, mas se apropria dos valores éticos e políticos que o norteiam, aspecto que será relevante em sua produção para os jornais.

Comunista, crítico e desafiador, Dalcídio Jurandir assume cargo na política, ainda que não fosse político, ao mesmo tempo que trabalha para o governo, mostra seus valores através de seus escritos, tanto que é preso por duas vezes em 1936 e 1937, período em que já é casado, tem filhos e começa a se debruçar sobre os escritos de sua região (Lima, 2012, p. 256).

O envolvimento político do autor teve consequências diretas em sua vida, enquanto ocupava um cargo público, foi preso duas vezes, evidenciando o custo de seu posicionamento contrário aos modelos políticos vigentes e de suas defesas por ideais sociais e democráticos. Paralelamente a essas questões, em 1940, Dalcídio Jurandir ganhou o prêmio de Literatura concedido pela Editora Vecchi e pelo jornal *Dom Casmurro*, com seu primeiro romance *Chove nos campos de Cachoeira* (1941). Esse evento o levou novamente para o Rio de Janeiro. Dessa vez, Dalcídio Jurandir viajou com o intuito de se estabelecer como escritor no principal centro cultural do país. Porém, foi o jornalismo que, para ele, assim como para muitos outros escritores na primeira metade do século XX, constituiu seu principal meio de subsistência.

Muitos jornais cariocas, diferentemente dos da imprensa paraense, primavam pelo engajamento político como marca de suas ideologias. Assim, embora o escritor marajoara tenha se filiado à Aliança Nacional Libertadora (ANL), na luta contra o fascismo ainda na capital paraense, foi no Rio de Janeiro que sua escrita político-ideológica ganhou espaço nas páginas de alguns jornais.

Com base na trajetória do escritor marajoara, é possível distinguir dois

momentos distintos em sua produção jornalística, cada um deles vinculado a uma das duas cidades em que atuou:

A princípio, parece prático dividir a vida jornalística de Dalcídio Jurandir em dois momentos, ligados as duas grandes cidades em que residiu: Belém, entre 1930 e 1941, e Rio de Janeiro, de 1942 até 1964, ano do golpe militar, quando os poucos periódicos esquerdistas ainda “vivos”, caso de Novos Rumos, extinguíram-se. A divisão deve levar em conta em conta os fatos que a Belém corresponde sua iniciação nos campos em que atuou: a escrita literária e jornalística e a militância política. Nesta, foi preso nos anos de 1936 e 1937 por atuar contra o fascismo junto a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Por outro lado, os periódicos com os quais contribuiu não traziam como marca de fundação nenhuma ligação ideológico-partidária, ao contrário daqueles em que colaborou no Rio, a partir de 1941, muitos timbrados pela marca de “imprensa comunista” (Furtado, 2011, p. 83).

Dentre os jornais e revistas cariocas nos quais Dalcídio Jurandir colaborou, destacam-se: *O Radical* (1942), *Diretrizes* (1942-1944), *Correio da Manhã* (1944), *Diário de Notícias* (1944), e a revista *Leitura* (1944). Nos anos seguintes, também contribuiu com os periódicos *Tribuna Popular* (1945-1946), *O Jornal* (1945-1946), *A classe Operária* (1945-1946), a revista *Cruzeiro* (1945-1946), e o jornal *Imprensa Popular* (1950). O engajamento do jornalista em colaborar com a imprensa comunista diz muito sobre seus próprio ideais. No entanto, dentre a vasta gama de periódicos citados, interessa-nos principalmente o *Diretrizes*.

Em 1942, Dalcídio Jurandir começou a escrever para *Diretrizes*, periódico no qual colaborou até 1944, desempenhando diversas funções: repórter, cronista, ensaísta, crítico literário e também redator. Nessa época, o escritor paraense intensificou seu envolvimento em questões políticas por meio de uma escrita crítica amplamente aceita por *Diretrizes*, uma publicação assumidamente de esquerda.

Levando em conta sua colaboração para esse importante periódico, destacamos sua contribuição no trabalho como repórter. Em uma primeira catalogação dos textos jornalísticos de Dalcídio Jurandir para *Diretrizes*, realizada por Furtado (2010), constam 17 reportagens nas quais o escritor marajoara apresenta temáticas variadas em estrutura e conteúdo, mas que se assemelham por abordarem questões de forte cunho social.

Apesar da importância dos demais textos esta pesquisa deu ênfase apenas às reportagens, pois são elas que, primeiramente, se destacam.

A prosa dalcídiana para a imprensa assume várias formas. O que primeiro chama atenção, fora de Belém, são as reportagens. Para Diretrizes, assinou longas reportagens que tratam tanto dos seringueiros e índios da Amazônia quanto da febre e do movimento imobiliário do Rio, especificamente a construção do Edifício Internacional, na época símbolo de arrojo e inovação na construção civil. Também fez reportagem como resultado de entrevista com o pintor Lasar Segall. Para a imprensa Popular, escreveu duas longas reportagens, em 1955, intituladas respectivamente, *Livros para a sarjeta e algemas para o povo* e *A paz social da metralhadora, dos despejos e demissões em massa*. (Furtado, 2011, p. 84 - 85).

As reportagens escritas por Dalcídio Jurandir suscitam interesse pela diversidade de temas, pois a preocupação do jornalista ia desde a situação de trabalho dos seringueiros da Amazônia até assuntos relacionados ao movimento imobiliário do Rio de Janeiro, elementos que confirmam a versatilidade e o empenho investigativo do repórter. Ao percorrermos a produção jornalística do escritor, sobretudo no contexto das reportagens nota-se que o repórter desenvolveu uma escuta atenta dos conflitos sociais da época que ecoam em sua obra literária, especialmente no romance *Três casas e um rio* (1958), o que possibilita explorar aspectos temáticos, narrativos e estilísticos de sua ficção.

Quanto ao ofício de romancista, foi ainda na juventude que Dalcídio Jurandir ingressou no meio literário:

Aos vinte anos Dalcídio Jurandir iniciou-se ficcionista, escrevendo o que se pode denominar primeira versão do livro *Chove nos campos de Cachoeira* que o lançaria, em 1940 no cenário nacional, quando foi premiado no concurso instituído pelo jornal Dom Casmurro e pela Editora Vecchi. Revelado em 1940, Dalcídio somente foi publicado no ano seguinte (Furtado, 2010, p. 12).

Aos vinte anos de idade, em 1929, Dalcídio Jurandir iniciou seu primeiro romance, *Chove nos campos de Cachoeira*. Mais tarde, em 1941, o romance foi publicado. Foi a partir desse livro que Dalcídio Jurandir deu início ao projeto romanesco de sua autoria. Como ressalta Furtado, a partir daí o escritor “inicia, então, a concretização do projeto de traçar em dez romances um quadro da vida paraense, sob o título geral de Extremo Norte” (Furtado, 2010, p. 12).

Como resultado, ao longo de quase 40 anos, o romancista paraense escreveu o projeto literário que se constituiu de uma saga romanesca iniciada com *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), seguida por *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958),

Belém do Grão Pará (1960), *Passagem dos inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobs* (1976) e *Ribanceira* (1978).

Para além do ciclo, Dalcídio Jurandir escreveu ainda outro romance ao longo de sua trajetória como romancista. Adepto de ideias comunistas, quando filiado ao PCB, escreveu um livro encomendado pelo Partido Comunista, que buscava por meio da ficção, narrar as origens do movimento operário no Extremo- Sul. Dessa forma, em 1950, aceitou a incumbência de produzir um romance dentro do modelo do Realismo Socialista. No entanto, o enredo do romance não obedeceu a ideia estética do partido e o livro sofreu com a censura do próprio partido. Em 1959, *Linha do Parque* é publicado por iniciativa do autor

Por sua vez, o romance *Três casas e um rio* (1958), objeto de interpretação neste trabalho, expressa as maneiras pelas quais o escritor revela as vivências de tantos personagens dalcidianos que habitam o interior da Amazônia paraense. Ao mesmo tempo, o livro apresenta elementos marcantes da escrita do romancista.

Publicado pela Martins Editora, em 1958, *Três casas e um rio*, terceiro livro do projeto romanescos dalcidianos, provavelmente foi pensado, ou, pelo menos iniciado, no mesmo período em que Dalcídio Jurandir colaborava como jornalista em *Diretrizes*. Considerando o frequente atraso na publicação dos romances do escritor, é possível que o livro tenha começado a ser escrito algum tempo antes e só tenha sido publicado naquela data.

Além disso, há outros indícios que reforçam aproximações entre as datas de escrita do romance e sua produção jornalística. Por exemplo, na ocasião do falecimento de seu pai, Dalcídio Jurandir escreve para o seu irmão Ritacínio, que à essa época ainda residia em Belém, pedindo notícias da família. A carta é datada de 08 de junho de 1948, e, em certo trecho, o escritor revela ao irmão que está terminando a cópia final do romance *Três casas e um rio* (1958), “estou terminando a cópia final do primeiro volume da série “Extremo Norte”: Três casas e um rio. São quase trezentas páginas datilografadas. Nunes Pereira viu uma terça parte do livro” (Jurandir, apud Nunes, Pereira, Pereira, 2006, p. 52). Tendo em vista a declaração do escritor, cabe considerar que a obra tenha passado por várias etapas de escrita antes que chegasse à versão final.

Outra questão que merece destaque sobre o romance diz respeito ao processo de

criação literária. Nas cartas escritas por Dalcídio Jurandir aos seus irmãos, observa-se como o autor recorre às narrativas e aos acontecimentos da vila de Cachoeira, local onde viveu boa parte de sua infância, para pensar o desenvolvimento e a construção do romance. Em um trecho de outra carta encontrada em seu acervo pessoal, também datada de 08 de junho de 1948, Dalcídio escreve: “também estou preocupado em colher notas sobre o pajé Sacacá. Flaviano bem que poderia me arranjar mais notas.” (Jurandir, apud Nunes, Pereira, Pereira, 2006, p. 52). Com esse comentário, nota-se a preocupação do escritor em obter informações sobre pessoas e acontecimentos locais, além de se demonstrar desejoso de obter mais notas da parte de seus irmãos que pudessem enriquecer a narrativa.

Em outra correspondência, desta vez não datada, mas provavelmente de 1948, Dalcídio Jurandir deixa mais visível a importância das informações recebidas para a construção do enredo de seu romance. Isso se observa quando o literato voltou a escrever para o irmão Ritacínio, desta vez para informá-lo que havia terminado o romance *Três casas e um rio*. Sobre a obra, ele pontua:

Ritacínio

[...] Acabei o *Três casas e um rio*, em que fixei aspectos novos, a decadência da Fazenda dos Guedes, mas tudo dentro de uma completa deformação de romance. De forma que nenhum personagem é real no sentido biográfico. Estou cada vez mais convencido que a ficção é verossímil quanto mais inventada tendo como base a realidade [...] Sobre os personagens do chalé, há acontecimentos que não se deram, enfim fiz o romance. D. Amélia pode ter alguma aparência com mamãe, mas não é senão D. Amélia. [...] aproveitei alguns fatos do Nunes e o que Flaviano me mandou. Afinal, é romance. Dalcídio (Jurandir, apud, Nunes, Pereira, Pereira, 2006, p. 52).

No trecho da carta, o escritor relatou aspectos empregados na criação dos personagens e dos espaços do romance. Embora mencione que utilizou alguns fatos concretos em sua escrita literária, o ficcionista destaca que isso ocorreu por meio da recriação desses fatos e personagens, de modo que tudo se tornava fruto da ficção. Para ele, recorrer a elementos da memória local e regional era o que tornava o romance verossímil.

Nesse contexto, mais do que o entrelaçamento entre realidade e ficção, salienta-se como o romancista desenvolvia uma escrita investigativa, similar ao estilo empregado no trabalho como repórter. Assim, é possível notar indícios de uma relação

que parecia se estabelecer entre o repórter e o romancista por meio da obra *Três casas e um rio* (1958), desde a sua construção.

Sobre o conteúdo do romance e a narrativa que desenvolve, convém assinalar sua divisão em quatorze capítulos, sem títulos, em cuja diegese acompanhamos a trajetória da personagem Alfredo, iniciada no primeiro romance *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), agora com cerca de 11 anos de idade. Lembremos que Alfredo é filho de Major Alberto, secretário da intendência da vila de Cachoeira do Arari; e de dona Amélia, mulher negra de origem pobre, com quem o Major tem ainda outra filha, chamada Mariinha.

Além da família de Alfredo, um grande número de personagens compõe o romance dalcidiano, enriquecendo o enredo por meio da imaginação do escritor “a gente humilde habita as páginas dos romances de Dalcídio Jurandir, como canoeiro, taberneiro, vaqueiro, pescador, roceiro, vendedor ambulante, bêbado, doceiro, pupunheiro, etc, que foram seus personagens, mas também sua preocupação maior” (Assis, 1996, p. 38 a).

Dessa maneira, Dalcídio Jurandir desenvolveu, por meio de seu romance, uma narrativa consciente e contestadora em favor dos menos privilegiados. Sua escrita integra à construção do romance elementos dos mais diferentes aspectos, sejam eles sociais, políticos ou culturais, da mesma forma que fazia em seu trabalho como repórter. Isso possibilita a existência de semelhanças entre sua produção como romancista e repórter, conforme será examinado a seguir.

A Amazônia e a safra dos mortos (1942) e o romance Três casas e um rio (1958)

Antes de nos voltarmos para a análise dos elementos temáticos e de conteúdo das reportagens, deter-nos-emos no estilo adotado pelo autor, cuja linguagem se aproxima do que mais tarde seria reconhecido como jornalismo literário. Por exemplo, o uso de figuras de linguagem na reportagem indica marcas pessoais da escrita do autor, bem como evidencia a estreita relação entre jornalismo e literatura, uma vez que os textos jornalísticos da década de 1940, em especial, apresentam similaridades com a prosa literária da época.

Essas semelhanças como já mencionado representavam os primeiros vestígios do modelo de jornalismo que surgiria posteriormente, denominado jornalismo literário.

Embora o jornalismo literário tenha surgido apenas a partir da década de 60, em um período de reencontro entre jornalismo e literatura, por volta da década de 40 já havia escritores que mesmo de maneira sutil, apresentavam por meio de sua escrita, indícios desse estilo que se consolidaria mais tarde, também conhecido como novo jornalismo. Como se vê:

O modelo norte-americano de jornalismo implantado no Brasil na década de 50 encontrou receptividade tanto por meio dos jornalistas como dos leitores, porque já havia uma prática semelhante construída no próprio jornalismo impresso brasileiro. Suspeita assim, que a inovação narrativa do Novo jornalismo não tenha trazido tanta novidade quando aqui chegou. (Santos, 2016, p. 43).

Com isso, o novo jornalismo encontrou uma base sólida na antiga relação entre jornalismo e literatura, o que, de certa maneira, já era um estilo bem consolidado antes da ruptura com o modelo francês de jornalismo. Para Denise Casatti, o jornalismo literário pode ser entendido como:

É um tipo de jornalismo em que, basicamente, leva-se em consideração a imersão do repórter na realidade, a precisão de dados e observações, a busca do ser humano por trás do que deseja relatar e a elaboração de um texto para (jornal, revista, internet, televisão ou cinema) que permita que a história venha à tona por meio de uma voz autoral e de um estilo. (Casatti, 2006, online).

A partir da definição de Casatti (2006), percebe-se que o jornalismo literário exige um envolvimento muito mais profundo com a realidade, ao mesmo tempo que busca fazer surgir o ser humano por trás da notícia, da maneira mais sensível possível, por meio de uma linguagem mais literária e poética, contudo sem perder o apego e a fidelidade aos acontecimentos reportados.

Tendo em vista o que propõe Casatti (2006) a respeito do jornalismo literário, pode-se dizer que Dalcídio Jurandir e outros escritores de sua época antecipam essa modalidade de jornalismo, visto que sua escrita também era voltada para exposição de fatos concretos, por meio de um estilo pessoal e investigativo, que deixava transparecer sua sensibilidade e preocupação, para além de um jornalismo completamente objetivo e imparcial, como teoricamente o jornalismo deveria ser.

Além disso, nota-se que o jornalismo literário, ou, mais especificamente as reportagens literárias presentes nesse tipo de jornalismo, possuem outras características

próximas à reportagem posta em análise. Entre essas características estão o uso das figuras de linguagem, já citadas anteriormente, bem como a descrição detalhada de cenas, narrativas que contam uma história e não apenas trechos fragmentados, e a escrita de cunho social, na qual pessoas comuns tornam-se protagonistas dos textos, conforme salientamos na *reportagem A Amazônia e a safra dos mortos*.

Quanto à temática abordada, a reportagem *A Amazônia e a safra dos mortos* publicada em 1942, apresenta Dalcídio Jurandir como um repórter inclinado às causas sociais. Ao escrever uma matéria que se volta para os problemas da realidade amazônica e da população residente nesse espaço, temática recorrente em seu trabalho como repórter.

Tratando de assuntos regionais de seu estado natal ou do Rio de Janeiro-como fome, doença e pobreza- ou do noticiário internacional-como a invasão da Guatemala, Dalcídio mostra solidariedade com as causas humanitárias, ressalta a relação entre as questões econômicas e políticas, buscando a conscientização dos direitos do (os) povo (s) e a valorização da dignidade humana. (Nunes, Pereira, Pereira, 2006, p. 61).

Como destacado, suas reportagens tinham o objetivo de retratar as dificuldades enfrentadas pelo povo, ressaltando a necessidade de condições de vida dignas para aqueles que se encontravam à margem da sociedade e não possuíam consciência de seus direitos. Seu trabalho como romancista apresenta preocupação similar:

Alimentando o seu imaginário, Dalcídio desvenda os segredos do mundo [...]. Esse mundo de que nos referimos, retido no inconsciente de Dalcídio, aparece na sua prosa, em forma de grito, daquele grito já lembrado, para denunciar a fome, a pobreza, a prostituição, a promiscuidade, sempre presente no mundo dos menos favorecidos, dos pobres (Assis, 1996, p. 44 b).

Nesse sentido, é evidente como Dalcídio Jurandir desenvolvia sua escrita como ficcionista, dando enfoque a figuras populares. Conforme ele mesmo menciona, “todo meu romance, distribuído, provavelmente, em dez volumes, é feito na maior parte, da gente mais comum, tão ninguém, que é minha criaturada grande de Marajó, Ilha e Baixo Amazonas” (Jurandir, 1960, p. 32).

Na reportagem, Jurandir enfatiza a mesma preocupação e a necessidade de compreender a Amazônia, ao afirmar “por isso mesmo aprendi a sentir na Amazônia a sua paisagem humana, com uma intensa, dolorosa, mas necessária compreensão”

(Jurandir, 1942, p, 15). Desse modo, o texto carrega o olhar do jornalista sobre o espaço amazônico. Conhecedor dessa realidade sofrida, Dalcídio Jurandir complementa:

Devemos melhor compreender aquela humanidade amazônica, na sua profunda e obstinada resistência de quase dois milhões de criaturas lutando sem recursos técnicos e sob as contingências de uma economia semi-colonial contra uma natureza primitiva, contra o deserto, a distância do abandono. (Jurandir, 1942, p.15).

No trecho, o repórter também menciona a humanidade amazônica, referindo-se, nesse caso, a homens e mulheres que resistem dia após dia sem recursos ou condições econômicas que lhes possibilitem viver de maneira digna. É importante ressaltar que o texto, em outras passagens, destaca tratar-se do contexto amazônico pós-ciclo da borracha, período no qual a situação de abandono em que viviam muitos habitantes do interior da Amazônia, após a exploração dos recursos naturais da região era evidente, como se nota no seguinte trecho:

Os seringais que se tornaram em fortes agrupamentos humanos ficaram desertos, cidades e vilas tão florescentes como Gurupá, Souzel, Aveiro, Curralinho, Oeiras, Mazagão, etc., são, hoje, como taperas infelizes a beira do rio. Com uns restos de povo nos trapiches, amarelentos e tristes. Essa humanidade dispersa e nômade na selva, entre pântanos, várzeas, cachoeiras e índios, debatendo-se entre o beri-beri e o paludismo, sob uma organização social tão caracteristicamente rudimentar pelos seus processos de espoliação e de crueldade.(Jurandir, 1942, p. 15).

O cenário descrito apresenta o espaço amazônico após o primeiro período de exploração da borracha, sobretudo retratando, para além do espaço natural, a paisagem humana, nômade, vivendo sob uma organização rudimentar, exposta a todo tipo de desafio social e constantemente invisibilizada.

Em *Três casas e um rio* (1958), nota-se a referência ao ciclo da borracha por meio da história de Sebastião, irmão de dona Amélia e tio de Alfredo. No enredo, após muitos anos vivendo distante, Sebastião visita a irmã em Cachoeira e passa a viver também no chalé. Em uma das conversas com o sobrinho Alfredo, Sebastião relembra a época que viveu nos seringais ao lado de seu padrinho:

Depois, juntou-se com uns seringueiros que vinham fugindo de um seringal brabo, uns com febre, outros com a perna tremendo, aqueles contando horrores. Andaram atravessando corredeiras, seringais, acoçados por pium, sezão e fome. Um dia, saíram num rio largo.

Atracado ao trapiche, carregando borracha, um navio apitava (Jurandir, 2018, p. 103).

Neste trecho da narrativa, Sebastião se recorda de acontecimentos após a morte do padrinho. A descrição retrata a pobreza em que viviam os seringueiros, marcados por doenças e fome, situação semelhante àquela que Dalcídio Jurandir aborda em seus textos jornalísticos. Com isso, a escrita de Dalcídio Jurandir tanto em sua atuação como repórter quanto como romancista, está profundamente enraizada em uma abordagem social, nas reportagens observamos a contrução de imagens fortes e sensíveis de um tempo de precariedade pós-ciclo da borracha, nesse sentido, a preocupação do repórter se manifesta por meio de uma linguagem objetiva, mas que carrega um tom subjetivo e consciente tornando o texto não apenas um relato factual, mas uma denúncia em favor de mudanças para aquela realidade amazônica.

A ausência de políticas públicas na área da saúde também foi um tema de interesse para Dalcídio Jurandir. Na reportagem, são mencionados problemas de ordem pública enfrentados pelos habitantes do interior da Amazônia paraense, e que resultavam em inúmeras mortes recorrentes, como se observa a seguir:

O coeficiente de mortalidade no vale amazônico é espantoso. E nesses quase dois milhões de seres humanos, homens mulheres e crianças - a morte de crianças ultrapassou a lotação de anjos no céu - significa alguma coisa de comovente e heróico [sic]. Esse povo apresenta assim, na sua humilde e pacífica obstinação, tão alta qualidade de resistência que superam as suas próprias debilidades sociais. (Jurandir, 1942, p.15).

Assim, ao escrever sobre a safra de mortos da Amazônia, Dalcídio Jurandir menciona que a maior parte das mortes correspondia às de crianças, chamadas de anjos. Diante da ausência de qualquer forma de assistência social, o repórter destaca a resistência deste povo humilde, que sobrevivia em meio ao abandono e a inúmeras debilidades sociais.

De maneira semelhante, essa temática emerge no romance *Três casas e um rio* (1958). Em um momento específico, Alfredo lamenta a morte da irmã Mariinha. Com a aproximação do enterro, o menino se mostra desesperado com o trágico destino da irmã. Nessa passagem do romance, assim como na reportagem, Dalcídio Jurandir utiliza o termo anjo para referir-se a Mariinha, indicando que se tratava da morte de uma criança. É importante mencionar as condições críticas em que vivia o povo de Cachoeira, as

quais resultavam, principalmente, na morte de crianças, como se observa no seguinte relato, ocorrido após a morte de Mariinha:

Um obscuro pensamento lhe mostrava Mariinha desfazendo-se na luz da tarde [...] Este via a mãe espalhar flores sobre a sepultura de Eutanázio e mostrar com um gesto as frescas e numerosas sepulturas de crianças, mortas depois de Mariinha. Leônidas balançou a cabeça, passou a mão na boca e indicou outro trecho adiante povoado de anjos (Jurandir, 2018, p. 351).

Como frisado nesse novo trecho do romance, ao visitarem o túmulo de Mariinha, Alfredo, Dona Amélia e Leônidas observam os túmulos das crianças mortas após o falecimento de Mariinha, também chamadas de anjos. Esse fato indica que as mortes de crianças eram frequentes. Mariinha, nesse contexto, representa, ou funciona como uma metonímia, das muitas mortes que ocorriam. Diferentemente dos outros mortos mencionados na reportagem, no romance, Mariinha tem nome e papel representativos dentro da narrativa.

A partir dessa perspectiva, constata-se que a reportagem e certas passagens do romance compartilham a mesma base temática, a denúncia das mortes infantis provocadas pelo abandono governamental. Para tanto, ambos os textos utilizam figuras de linguagem, sobretudo metáforas e metonímias, como proposta para a construção de uma escrita contestadora e ao mesmo tempo humana ao tratar de temas impactantes. A metáfora, como figura de linguagem, suaviza, mas ao mesmo tempo acentua o drama das mortes infantis. No romance, temos Mariinha como metonímia de tantas outras mortes, o que não anula sua individualidade mas humaniza as estatísticas dos muitos anjos mencionados na reportagem e dá rosto à tragédia.

No entanto, também é importante ressaltar que a denúncia em ambos os textos apresentam diferenças, visto que enquanto a reportagem retrata uma realidade coletiva baseada em fatos, dados censitários e possivelmente outros documentos que o trabalho de repórter propicia, no romance há o trabalho com a ficção, com a construção de cenários e personagens que condensam as mesmas experiências do texto jornalístico

Com isso, percebe-se que a técnica e a escrita literária do romancista estão presentes no trabalho do repórter, evidenciadas pelo olhar atento às questões sociais. Da mesma maneira, a escrita crítica e denunciatória do repórter manifesta-se por meio da sensibilidade na escrita do ficcionista

Considerações finais

Considerando-se o todo, este trabalho buscou examinar a correlação de Dalcídio Jurandir como repórter e romancista, por meio do cotejo da reportagem *A Amazônia e a safra dos mortos* (1942), e do terceiro romance dalcidiano, *Três casas e um rio* (1958). Reafirmamos sua relevância, por voltar-se principalmente para a apresentação de uma face ainda pouco conhecida do escritor paraense Dalcídio Jurandir, a de repórter, tendo como objeto da pesquisa avaliar especialmente sua colaboração para o periódico *Diretrizes* nos primeiros anos da década de 40, no intuito de estabelecer relações entre a sua escrita jornalística e sua escrita ficcional.

Para construir essa relação, foi essencial compreender o contexto histórico da imprensa brasileira na primeira metade do século XX, bem como o estilo de escrita jornalística adotado nesse período; destaca-se a forte relação entre jornalismo e literatura, um estilo amplamente aceito em muitos jornais da época.

Observamos que, como repórter, Dalcídio Jurandir focava sua atenção na escrita de matérias de cunho social, voltadas para a busca de melhorias em favor das camadas sociais invisibilizadas. Ademais, a liberdade de escrita opinativa, permitida pelos jornais do início do século XX, possibilitou que Dalcídio Jurandir cultivasse sua escrita literária também em seus textos jornalísticos, desenvolvendo um estilo de reportagem engajada e denunciadora, mas com traços subjetivos, de maneira que o autor inclui-se no grupo de intelectuais que antecipam o que mais tarde viria a consolidar-se como jornalismo literário.

Quanto à investigação sobre o romance, verificamos elementos que revelam a face do romancista, entre os quais se destacam as críticas sociais por meio de temáticas que buscavam retratar as condições de vida dos habitantes do interior da Amazônia. Foi igualmente relevante realizar um indício de análise da construção do terceiro romance dalcidiano, visto que a hipótese levantada inicialmente- de que o romance tenha sido iniciado, ou pelo menos, pensando no mesmo período em que Dalcídio Jurandir atuava como repórter do periódico *Diretrizes* reforça a ideia de aproximação entre a reportagem e a ficção.

Ao mesmo tempo, os textos também apresentam distanciamentos visto que a escrita objetiva do repórter focalizou em uma situação coletiva para a construção do

texto jornalístico, enquanto que a perspectiva do romancista baseou-se em uma criação individual baseada no desenvolvimento de uma personagem.

O cotejo da reportagem *A Amazônia e a safra dos mortos* (1942) e do romance *Três casas e um rio* (1958) permitiu identificar aspectos presentes na escrita de Dalcídio Jurandir que comprovam a inter-relação entre seus ofícios de jornalista e ficcionista. Por fim, espera-se, por meio deste estudo, contribuir para a valorização e o reconhecimento das múltiplas faces que constituem a interface do escritor Dalcídio Jurandir, não apenas como romancista, mas também como sujeito inserido no campo jornalístico e intelectual de seu tempo. Ao nos voltarmos para essa dimensão multifacetada de sua atuação, especialmente na relação entre sua produção ficcional e sua experiência como repórter do periódico *Diretrizes*, procura-se lançar luz sobre a complexidade de sua escrita e sobre o modo como sua obra literária dialoga com as tensões e os dilemas históricos, políticos e sociais.

Referências

ASSIS, Rosa. Dalcídio Jurandir: a simplicidade de um simples e alguns aspectos de sua obra. In: *Asas da palavra*. Belém. UNAMA, v, 3 n 1, p 45, 1996b. Disponível em: revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc. Acesso em : 15 de maio. 2021.

ASSIS, Rosa. Dalcídio Jurandir: Uma leitura nas cartas de Dalcídio Jurandir. In: *Asas da palavra*. Belém. UNAMA, v, 3 n 1, p 38, 1996a. Disponível em: revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc. Acesso em : 15 de maio. 2021.

CASSATI, Denise. O jornalismo literário encontra-se adormecido. Disponível em: <http://cibersociedade.net/congresso/gts/comunicação.php?id=417&llengua=po>. Acesso em 15 de abril de 2025.

COSTA, Livia Cunto Salles da. *Jornalismo Literário: história e experiências contemporâneas nos Estados Unidos e no Brasil*. 2015. 116. f. Monografia (Graduação em Comunicação social/ Jornalismo) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação Centro de Filosofia e Ciências Humanas Jornalismo. Rio de Janeiro, 2015.

DE LUCA, Tania Regina. A grande Imprensa no Brasil na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 149-175.

FURTADO, Marlí Tereza; BARBOSA, Tayana Sousa. Dalcídio Jurandir: para além do romancista. *DLCV*, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 54-61, jul./dez. 2010.

FURTADO, Marli Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FURTADO, Marli Tereza. *Dalcídio Jurandir: o repórter, o articulista e o crítico de arte em Diretrizes (1942-1943-1944)* Belém, 2010. 162-171, no prelo 91

FURTADO, Marli Tereza. Dalcídio Jurandir e a crítica literária para o Estado do Pará (1938- 1941). In: Figueiredo et all (Org). *Crítica e Literatura*. Rio de Janeiro: De Letras, 2011. p 84- 85.

JURANDIR, Dalcídio. *A Amazônia e a safra dos mortos*. Acervo digital da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: *Diretrizes*. Acesso em: 15/04/2021

JURANDIR, Dalcídio. Eneida entrevista Dalcídio. Entrevista concedida a Eneida de Moraes. In: *Asas da palavra*. Belém: UNAMA, n 04, p. 32, 1996. Disponível em: revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/issue/view/109/showToc. PDF. Acesso em 21 de maio. 2021.

JURANDIR, Dalcídio. *Três Casas e um Rio*. 4. ed. Bragança; Pará: grafo Editora. 2018

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LIMA, Jacqueline. Intelectuais e política: o exemplo de Dalcídio Jurandir. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 15, n. 2, p. 247-260, dez. 2012. ISSN 1516-6481.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir Romancista da Amazônia*. Belém: SECULT, 2006. 264 p.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. 2000. 338 f. Tese de (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v 1, n. 3, p. 148-160, 31, ago. 2003.

SANTOS, José Milton. *A estética do jornalismo literário: estudo de reportagens brasileiras e contemporâneas*. 2016. 185 f. Dissertação de (Mestrado em Comunicação Social)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte, 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 1999.

SOUZA, Pompeu de. “A chegada do Lead no Brasil”. *Revista da Comunicação*, Rio de Janeiro ano 4, n. 7, 1988.

SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Melo Miranda, Perspectivas da Literatura Comparada no Brasil. In: CARVALHAL, Tânia Franco (org). *A Literatura*

Comparada no mundo: questões e métodos. Porto Alegre: LPeM/VITAE/AILC, 1997.

Recebido em: 31/01/2025

Aceito em: 30/05/2025